

FENÔMENO BULLYING: UMA REFLEXÃO NO CONTEXTO INTERDISCIPLINAR¹

FENÓMENO DE BULLYING: UNA REFLEXIÓN EN EL CONTEXTO INTERDISCIPLINARIO

LUDIMILA DE SOUZA SANTOS BORGES

Graduada em Pedagogia pela Faculdade UNIMINAS (Uberlândia / MG) e Pós-graduada em Gestão de Trabalho Pedagógico pela Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia (Uberlândia / MG)
ludimilassb@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa expor uma reflexão acerca do *Bullying* Escolar, uma violência física e psicológica. Desse modo, o objetivo é contextualizar o *Bullying* para compreender esse complexo fenômeno contemporâneo. O método utilizado é o analítico, com o foco sedimentado no levantamento bibliográfico, trazendo autores que buscam construir e apresentar o processo evolutivo da temática *Bullying*, abordagem importante nos diversos níveis escolares e diferentes áreas do saber: pedagogia, geografia, história, letras, entre outras. Entre os resultados apresentados, este manuscrito apresenta que *Bullying* é uma palavra de origem inglesa, e em muitos países é usada para definir um desejo consciente e deliberado de maltratar. É um tipo de violência difícil de ser diagnosticado e pode ser facilmente confundido com brincadeiras típicas da idade se profissionais da educação não tiverem preparados para esta realidade.

Palavras-Chave: Bullying; Escola; Conhecimento; Interdisciplinar.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo exponer una reflexión sobre el acoso escolar, una violencia física y psicológica. Por lo tanto, el objetivo es contextualizar el acoso escolar para comprender este complejo fenómeno contemporáneo. El método utilizado es el analítico, con un enfoque en la encuesta bibliográfica, que reúne a autores que buscan construir y presentar el proceso evolutivo del tema Bullying, un enfoque importante en diferentes niveles escolares y diferentes áreas de conocimiento: pedagogía, geografía, historia, letras, entre otros. Entre los resultados presentados, este manuscrito muestra que la intimidación es una palabra de origen inglés, y en muchos países se utiliza para definir un deseo consciente y deliberado de maltrato. Es un tipo de violencia que es difícil de diagnosticar y puede confundirse fácilmente con los juegos típicos de la edad si los profesionales de la educación no están preparados para esta realidad.

Palabras clave: bullying; Colegio; Conocimiento; Interdisciplinario

Introdução

Este trabalho visa expor uma reflexão acerca do Bullying Escolar, uma violência física e psicológica. Desse modo, o objetivo central é contextualizar o Bullying, conhecimento construído durante a nossa formação na graduação. Um vivência que nos

¹ Participou do Projeto Pedagógico Anti-Bullying na Escola Municipal Professora Olga Del Fávero (CAIC Laranjeiras / Uberlândia - MG).

permitiu entender esse complexo fenômeno contemporâneo. *Bullying* é uma palavra de origem inglesa, e em muitos países é usada para definir um desejo consciente e deliberado de maltratar e/ou deixar sob tensão uma pessoa (FANTE, 2005, p. 25).

O fenômeno *bullying*, é um tipo de violência difícil de ser diagnosticado e pode ser facilmente confundido com brincadeiras típicas da idade se profissionais das diversas áreas da educação (Pedagogos, Geógrafos, Historiadores, etc) não tiverem preparados para esta realidade. Esse assunto, ainda pouco tratado pela sociedade brasileira rende muitas notícias no mundo inteiro, como foi o caso² de 45 mortos e dezenas de feridos em 37 tiroteios ocorridos em Columbine e Virgínia Tech - EUA. E em alguns países como: Portugal, Espanha, Canadá e EUA já são tratados como assunto de segurança e saúde pública.

Atualmente, o termo inglês *bullying*, já é empregado em países onde o fenômeno é estudado, entretanto outras nomenclaturas são adotadas como: *Mobbning*, na Suécia e na Finlândia; *Hercèlement Quotidien*, na França; *Prepotenza* ou *Bullismo*, na Itália; *yjime*, no Japão; *Agressionen Unter Shulern*, na Alemanha; *Acoso* e *Amenaza*, na Espanha; *Intimidación* (FANTE & PEDRA, 2008). O bullying é uma prática:

[...] violenta e intencional praticada entre pares, com desigualdade de poder, que gera dor e sofrimento para todos os envolvidos. Essa forma de violência constitui ou alimenta uma condição de risco, que pode levar o indivíduo a apresentar desordens de diversos níveis (YUNES; SZYMANSKI, 2001; FANTE, 2012, SCHULTZ et al., 2012). Por provocar tantos males, é importante que a escola não minimize as ocorrências de bullying, devendo potencializar, por meio dos educadores, interações significativas que contribuam para processos de resiliência diante das adversidades encontradas no ambiente escolar [...] (FERNANDES; YUNES; TASCHETTO, 2017, p. 141).

A violência escolar é um problema universal e não faz distinção étnica, na sociedade, jovens entre 10 e 21 anos retratam a faixa etária mais envolvida em

² OBSERVATÓRIO LA de Violências nas TICs. DF: Índice de violência aumenta no ambiente escolar. Disponível em: <http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&id=4811&Itemid=210>. Acesso em: 10 jul. 2009.

fenômenos *bullying*. Esses comportamentos agressivos, tidos como antissociais vão desde conflitos interpessoais, danos ao patrimônio a atos criminosos.

Nesse contexto, é importante sublinhar que este manuscrito utilizou o método analítico, com o foco sedimentado no levantamento bibliográfico realizado durante a construção do trabalho. Trazendo autores que buscam construir e apresentar o processo evolutivo da temática Bullying, abordagem importante nos diversos níveis escolares e diferentes áreas do saber: pedagogia, geografia, história, letras, entre outras.

Assim, no que tange ao embasamento teórico deste trabalho, as leituras interdisciplinares iniciaram pelas obras de Boutin e Flach (2017), Bueno (2001), Cavalcanti (2013), Fante (2005), Fernandes, Yunes e Taschetto (2017), Lima (2009), Cecília Meireles (1984), Aramis Neto (2005), Oliveira e Paiva (2018), Oliveira, Viana, Boveto e Sarache (2013), Khoule e Souza (2013). Essa reflexão colocou “em jogo não somente a produção de conhecimento no sentido clássico do termo” (SANTOS; PESSÔA; CARVALHO, 2018, p. 242), mas um debate que não se esgota aqui.

Fenômeno Bullying: uma abordagem teórica e interdisciplinar

As pesquisas sobre *bullying* são recentes e ganharam destaque a partir dos anos 1990, principalmente com Olweus, 1993; Smith & Sharp, 1994; Ross, 1996; Rigby, 1996. Estudos indicam que a prevalência de estudantes vitimizados varia de 8 a 46%, e de agressores, de 5 a 30% (NETO, 2005). Sabe-se que a escola é um lugar onde crianças e jovens convivem socialmente a maior parte do seu tempo e também representa o ambiente de grande importância, por fazerem parte de um mesmo grupo.

Além de compor um espaço de integração, socialização, relacionamentos interpessoais e desenvolvimento acadêmico. A criança quando chega à escola é um indivíduo:

[...] que já traz uma bagagem, que sabe coisas, faz parte de um grupo sócio-cultural determinado, que lhe oferece material cultural o qual vai utilizar na sua vida cotidiana – desde os objetos concretos até os conceitos – bem como os modos de operação sobre esse material. O aluno é um indivíduo absolutamente único. (LIMA, 2009, p. 209).

“A escola foi delegada a função de formação das novas gerações em termos de acesso à cultura socialmente valorizada, de formação do cidadão e desconstituição do sujeito social” (BUENO, 2001, p. 105). Não obstante, as escolas têm apresentado cenários cada vez mais temerosos aonde à segurança, à saúde física e psicológica de todo o corpo escolar vem sofrendo sinais de fragilidade. É sabido também que comportamentos típicos da idade como “zoaças” e brincadeiras inusitadas fazem do ambiente escolar mais atrativo. Outrossim, são comportamentos abusivos, cruéis, insensatos que levam ao constrangimento e extrapolam o limite de tolerância do indivíduo.

Nesse contexto, pode-se sublinhar que o bullying:

[...] é um fenômeno complexo que pode gerar consequências capazes de interferir nos microssistemas fundamentais para crianças e jovens, como escola e família, por longo período de tempo [...]. Há três formas de se tratar a violência, e nela inclui-se o bullying, dentro das escolas: a repressiva, que propõe a busca a instâncias penais, abandonando o processo pedagógico; a patológica, que atua sobre a violência com olhar clínico e a do diálogo, que trata a violência como algo a ser combatido com conversas, como um conteúdo pedagógico. Entende-se que a terceira hipótese é, certamente, a maneira mais eficaz. Para isso, escola e professor devem prevenir atitudes violentas, estimular o desenvolvimento de hábitos e habilidades que propiciem saúde física e mental, promovendo expressões de resiliência. Nesse contexto, é preciso formar agentes de proteção, que modificam condições de risco a que estão expostos crianças e adolescentes vitimizados pelo bullying [...] (FERNANDES; YUNES; TASCHETTO, 2017, p. 151-152).

Nesse universo, podemos sublinhar que auando atos engraçados como os alunos deixam de ser para esse sujeito, quer seja por um em um determinado grupo de alunos, e passa a levar esse à vergonha, exposição física e moral, impossibilitando-o à defesa própria, causando desconforto e rebaixamento, já se torna um ato de violência. Os primeiros estudos sobre *bullying* iniciaram em 1970 na Suécia e Dinamarca, em 1978 ganha força com o professor Norueguês Dan Olweus (FANTE, 2005), na Universidade de Bergen-Noruega, que investigava sobre tendências suicidas entre adolescentes, agressores e possíveis vítimas. Muito embora essa pesquisa não interessasse às instituições locais, Olweus descobriu que a maioria dos jovens sofria de algum tipo de

ameaça e que por isso caracterizava-se um motivo eminente a ser combatido. (FANTE, 2005).

Apesar de não existir um termo oficial para este mal recentemente descoberto, foi considerado por alguns psicólogos já na década de 1990 quando se apresentaram as primeiras pesquisas, de “Vitimização” ou “Maltratos entre pares”, por se tratar de um fenômeno de grupo ou classes entre iguais, como é o caso dos estudantes. De acordo com Fante (2005), em 1978 Dan Olweus, entrevistou cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre vários períodos de ensino. Quando na década de 1980 três rapazes entre 10 e 14 anos cometeram suicídio e as instituições educacionais começaram desde então a creditar foco ao fenômeno descoberto por Olweus.

Em 1993, surgiram em várias escolas Norueguesas uma campanha nacional *Anti-Bullying* baseada no diagnóstico oficial sobre o *bullying* por Dan Olweus e Roland em 1989, onde puderam relatar que a cada 7 alunos 1 sofria a violência. Olweus desenvolveu um questionário onde propunha 25 questões de múltipla escolha, na intenção de avaliar a gravidade e extensão do problema. (FANTE, 2005).

O questionário revelava informações como frequência dos acontecimentos, tipos de agressões, locais de maior risco, característica de agressores e percepção quanto ao número de agressores. A partir destes resultados foi possível praticar intervenções com maior sucesso reduzindo em 50% os casos de *bullying* nas escolas. O questionário objetivava a compreensão e conscientização da população sobre o assunto, desmistificando interpretações errôneas, conquistar a participação efetiva de pais e docentes, desenvolvendo regras claras de combate ao fenômeno em proteção e apoio às vítimas. (FANTE, 2005).

Segundo Fante (2005), na mesma época que foi lançada as campanhas, também foi publicado por Alweus o livro “*Bullying at school*”, apresentando o problema e resultados. Essa obra ganhou apoio do Governo Norueguês como repercutiram no Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivando e alertando às diversas culturas ao perigo eminente instalada na comunidade escolar.

Partindo dessa descoberta e iniciativa outros programas *Anti-Bullying* foram desenvolvidos, todos respeitando os casos individuais de suas instituições e realidade cultural como: *The DES Sheffield Bullying Project-UK*, a Campanha *Anti-Bullying* nas Escolas Portuguesas e o Programa de Educação para a Tolerância e Prevenção da Violência na Espanha, entre outros no Brasil como: Programa *Anti-Bullying* Educar para a Paz em Brasília/DF desenvolvido e coordenado pelo Instituto CEMEObes (Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Fenômeno *Bullying* Escolar), e o Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes desenvolvido pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) do Rio de Janeiro, e também o Projeto Diga Não ao *Bullying*, o qual recebeu o “Prêmio Direitos Humanos / 2008”, desenvolvido e coordenado pela ONG Iniciativa por um Ambiente Escolar Justo e Solidário, em Porto Alegre/RS.

O que se sabe é que em relação à “Europa, no que se refere aos estudos e tratamento desse comportamento, estamos com pelo menos 15 anos de atraso”. (FANTE, 2005, p.46). Fante (2005), estudiosa do fenômeno *bullying*, conclui sob a tese do professor Dan Olweus, que comportamentos agressivos, hostis e de mau gosto são comuns à idade escolar, até porque fazem parte do amadurecimento humano experimentar ações passivas de acerto.

Logo situações que registram diversão, autoafirmação e até mesmo relações de força entre alunos podem ser consideradas normais. Outrossim, há casos em que pode-se apresentar no ambiente escolar um ou vários perfis agressores, que com seu temperamento irritadiço e provocador constrange e incomoda os demais, causando adversidades e frustrações.

Mesmo dentro de uma sociedade multicultural e globalizada existem valores que são considerados basilares ao convívio harmonioso, principalmente em ambientes escolares, onde elevados índices de violência vêm interferindo no rendimento educacional de alunos e profissional dos docentes (HOFFE, 2004). Mais espantoso ainda é acreditar que mesmo diante de tantos estudos realizados e aplicados dentro de

instituições formais de educação ainda possa acontecer sucessivos casos extremos de *bullying*.

Em ³Jonesboro-EUA (1997), na escola *Westside Middale* o aluno Mitchell Johnson de 13 anos, matou 4 alunos e um professor durante um falso alarme contra incêndio. No dia 21 de Março de 1998, Kipland Philipp Kinkel de 15 anos aluno da escola Thurston na cidade de Springfiel-EUA matou 2 estudantes e feriu mais 25 alunos com um rifle semiautomático. Já em Columbine, Colorado-EUA um dos casos conhecido mundialmente por registrar um dos maiores massacres em escola, dois alunos mataram 13 pessoas e em seguida suicidaram. Seung-Hui Cho, estudante da Universidade Técnica da Virgínia-EUA em 2007, matou 32 pessoas entre professores e alunos suicidando em seguida.

Outros casos bárbaros e extremos de *bullying* como estes são registrados com uma frequência espantosa. Tragédias e instituições escolares são expressões cada vez mais frequentes em matérias de jornal e revistas. Negligencias do passado como trotes universitários, humilhantes e perigosos atingem a mídia quando já se tornaram barbáries. Esses ritos de passagem como assim são considerados já vitimaram muitos estudantes, tendo como primeiro registro um aluno do curso de Direito, morto em Recife 1891 (FANTE; PEDRA, 2008).

Sob alegação de brincadeiras, a tortura psicológica e o abuso de poder podem prosseguir alguns alunos até o fim dos estudos e com potencial extensão à vida profissional. Nessa perspectiva, além do exposto sobre o *bullying* é preciso lembrar que a formação:

[...] dos professores se configura, cada vez mais, como espaço possibilitador do crescimento e desenvolvimento social, pela melhoria dos sistemas educativos e do processo de ensino e de aprendizagem. Na atualidade, o trabalho do professor tem grandeza e complexidade tamanhas, que envolve pressupostos que consideram ações vinculadas ao trabalho coletivo. (KHAOULE; SOUZA, 2013, p. 102).

³ VEJA mais casos de violência em instituições de ensino. **Globo.com**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1037997-5602,00.html>>. Acesso em: 13 jul. 2009.

Assim, Cavalcanti (2013, p. 46) arrazoa que “o ensino escolar não é meramente uma formalidade institucional que se cumpre, mas, uma atividade complexa”. Nessa perspectiva, “a aquisição de aprendizados se efetiva por meio da consciência sobre as contradições que permeiam a realidade social” (BOUTIN; FLACH, 2017, p. 435). É importante dizer que para enfrentar os desafios do fenômeno *bullying* não basta investir em projetos físicos, é fundamental pensar a formação do professor, na formação humana que compõe o espaço coletivo da escola, definir ações de cidadania, preparando todos os segmentos e sujeitos para o diálogo e tomada de decisão.

Nesse contexto, é preciso lembrar as palavras de Oliveira et al (2013), destacando que a função da escola sofreu mudanças ao longo da história e, ainda no tempo presente tem, face ao meio social e as suas mazelas, a finalidade de preparar o homem para o convívio social. Essa instituição precisa prover a pessoa de conhecimentos intelectuais, morais e éticos, para que possa ter responsabilidade consigo mesma e para com o outro.

Discutir a educação interdisciplinarmente requer muita cautela, inclusive alguns assuntos são motivos de críticas, principalmente por parte de quem está do lado de fora. Na teoria, enquanto os professores estão na faculdades, tudo é muito bonito, porém quando esses se deparam com a realidade das escolas, começam a surgir os problemas. Cada escola possui uma realidade diferente e características únicas. (LIMA, 2009). Com base nas constatações de Cecília Meireles:

[...] os tempos mudam. E, ainda quando os homens não percam sua identidade, e um constante anseio de grandeza e nobreza os impulsiona, há épocas de crise, em que esses valores são negados e substituídos por outros, ainda que temporários – veemente. [...] Que homens desejamos que venha a ser, quando se cristalizar a sua formação, e no tempo em que tiver de atuar? A pergunta parece grave em crises de civilização como a que atravessamos. Os valores presentes não são os do passado. (MEIRELES, 1984, p. 133).

Dessa maneira, o profissional da educação precisa compreender sua responsabilidade diante de uma questão ímpar como o fenômeno *bullying*, abordada neste manuscrito. Nesse entremeio, é importante salientar que a atuação cidadã dos

alunos, família e professores é fundamental, “se envolvendo diretamente em problemas comuns as suas realidades” (OLIVEIRA; PAIVA, 2018, P. 136).

Fundamentado em Lima (2009), pode-se afirmar que atualmente as escolas vêm trabalhando com vários temas novos e de destaque, e mesmo com esse interesse na qualidade de ensino, o fenômeno *bullying* não vem sendo devidamente explorado de forma mais abrangente, que seria ideal para que fosse transformada em pauta possível de corrigir falhas que interferem diretamente na formação do aluno. É uma urgência contemporânea.

Considerações Finais

O *bullying* não está restrito aos muros da escola, o ambiente de trabalho também pode apresentar muitos *bullies*. E nesses espaços onde frequentemente podem-se encontrar situações características do assédio moral, levam profissionais também a desenvolver problemas de saúde mental. O rendimento profissional é o primeiro a apresentar sinais de alerta para algo que não caminha bem, em seguida a autoestima torna-se motivo de absenteísmo o que também acompanha às licenças médicas.

Em alguns casos há o abandono do emprego, pedidos de demissão, ocasionados por alto grau de stress, depressão e até mesmo suicídio. Na insegurança de exporem seus desabafos, vítimas se tornam reclusas, trancadas no silêncio e sofrimento. A ausência de expressão é movida pelo medo de tornar ainda mais frequente e cruel às agressões, bem como a incompreensão e falta de apoio dos adultos. O temor pelas reações da sociedade familiar e escolar que muitas vezes nos culpam e incentivam o revide contribuem para o silêncio gelado do sofrimento.

Por fim, faz-se necessário dizer que o nosso interesse pelo tema originou-se de alguns momentos vividos na universidade, o primeiro ocorreu nos anos de 2006-2009 durante a graduação na Faculdade Pitágoras de Uberlândia e outros durante o curso de pós-graduação em 2014 e nas participações em eventos como: 1º Encontro Mineiro

sobre Investigação na Escola e II Simpósio de Educação do Cerrado. Este artigo traz pontos importantes desse período de estudos.

Referências

BORGES, Ludimila de S. S. **BULLYING ESCOLAR: UMA VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA**. 2009. 93 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Departamento de Pedagogia, Faculdade Uniminas/Uberlândia (Minas Gerais), 2009.

BOUTIN, A. C. D. B., FLACH, S. de. F. O Movimento de Ocupação de Escolas Públicas e suas Contribuições para a Emancipação Humana. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 429-446, maio/ago. 2017.

BUENO, J. G. S. Função social da escola e organização do trabalho pedagógico. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 101-110. 2001.

CAVALCANTI, L. S. Geografia Escolar e a Busca de Abordagens Teórico/Práticas para Realizar sua Relevância Social. In. SILVA, E. I.; PIRES, L. M. (Orgs). **Desafios da Didática de Geografia**. Goiânia: Editora da PUC, 2013. P. 45-65.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. rev. e amp. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERNANDES, G.; YUNES, M. A. M.; TASCHETTO, L. R. BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA COMO PROMOTORES DE RESILIÊNCIA. **REVISTA SOCIAIS & HUMANAS** - VOL. 30, Nº 3, p. 141-154, 2017.

HOFFE, Otfried. **Valores em instituições democráticas de ensino**. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/>>. Acesso em: 13 jul. 2009.

LIMA, F. F. Educação e Formação Humana: segundo uma perspectiva sociointeracionista. UEG EM Revista, v. 1, nº 5, p. 207-215, 2009.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NETO, Aramis A. Lopes. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro: s.n. 2005.

OBSERVATÓRIO LA de Violências nas TICs. **DF:** Índice de violência aumenta no ambiente escolar. Disponível em: <http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&id=4811&Itemid=210>. Acesso em: 10 jul. 2009.

OLIVEIRA, A. F.; PAIVA, S. M. Uma Abordagem Envolvendo Estatística no Cotidiano Escolar. **Revista Mirante**, Anápolis (GO), v. 11, n. 7, jun., p. 121-137, 2018.

OLIVEIRA, T.; VIANA, A. P. S.; BOVETO, L.; SARACHE, M. V. Escola, Conhecimento e Formação de Pessoas: considerações históricas. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 6, n.2, p. 145-160, 2013.

KHOULE, A. M. K.; SOUZA, V. C. Desafios Atuais em Relação à Formação do Professor de Geografia. In. SILVA, E. I.; PIRES, L. M. (Orgs). **Desafios da Didática de Geografia**. Goiânia: Editora da PUC, 2013. P. 87-105.

SANTOS, J. C. V.; PESSÔA, C. C. L.; CARVALHO, R. N. Viagens e Visitas Técnicas: relatos iniciais de experiências vividas na UEG – Campus Caldas Novas. **Revista Mirante**, Anápolis (GO), v. 11, n. 7, jun., p. 240-249, 2018.

VEJA mais casos de violência em instituições de ensino. **Globo.com**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1037997-5602,00.html>>. Acesso em: 13 jul. 2009.